

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal: Uma calamidade institucional

Publicado em 2026-01-29 21:57:59



Plano Mínimo de 72 Horas: A Resiliência Que Portugal Recusa por Preguiça Moral

Hoje, uma bateria de 7,8 kWh custa ~2.300€. Um gerador a gasóleo de 4 kW custa ~659€. O país continua a cair ao primeiro vento. Portanto, o problema não é dinheiro – é vergonha.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

anunciada — e ignorada.

Porque num país minimamente sério, uma regra simples existiria há anos: **tudo o que é crítico tem de aguentar, pelo menos, 72 horas sem rede.** Não é luxo. É civilização.

1) O kit mínimo por ponto crítico (72h)

Não estamos a falar de “soluções NASA”. Estamos a falar de um kit básico — e barato — para assegurar o essencial:

- **Bateria / armazenamento** (ex.: 7,8 kWh) para consumo estável e silencioso ($\approx 2.300\text{€}$).
- **Gerador diesel** (ex.: 4 kW) como redundância “bruta” para cargas e picos ($\approx 659\text{€}$).
- **Comutador automático / UPS** para transição sem falhas e protecção de equipamentos (valor variável).
- **Combustível rotativo** + recipiente seguro (porque um gerador sem gasóleo é escultura).
- **Teste mensal obrigatório** (10 minutos) + registo auditável.

Isto não exige milagres. Exige apenas uma coisa que Portugal detesta: **disciplina operacional.**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- **Estações base de telecomunicações** e nós de rede (porque sem comunicações não há socorro).
- **Centros de comando e quartéis** (bombeiros, GNR/PSP, protecção civil).
- **Infraestruturas de água** (bombagem/controlo) e saneamento (falhar aqui é caos sanitário).
- **Lares e unidades de saúde** (onde a falha mata em silêncio).
- **Serviços municipais críticos** (abrigos, armazéns, logística, comunicações locais).

Em muitos casos, não é preciso “alimentar tudo”. É só manter **o essencial**: rádios, rede, iluminação mínima, recarga, bombas, aquecimento básico, equipamentos vitais.

3) Então por que razão isto não é feito?

Porque Portugal não falha por falta de euros. Falha por excesso de um vício antigo: **ninguém é responsável por nada**.

- Se a rede falha, a culpa é do “operador”.
- Se o operador falha, a culpa é do “regulador”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

quando há incêndio, todos gritam — mas ninguém tem a chave do quadro eléctrico.

4) O custo real não é o equipamento — é a coragem de manter

O gerador de 659€ e a bateria de 2.300€ são a parte fácil. O que custa é:

- **manutenção regular** (e não “quando avariar”);
- **testes mensais** com registo e auditoria;
- **combustível garantido** e rotativo;
- **inventário e responsabilidades** com nomes e assinaturas.

Portugal não gosta disto porque isto é o contrário da cultura do improviso. Isto é engenharia. E engenharia é implacável: ou funciona, ou morre gente.

5) A crítica dura: a prioridade nacional está invertida

Há sempre dinheiro para: plataformas, consultorias, eventos, campanhas, conferências e “sensibilizações”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Não é falta de orçamento. É falta de carácter institucional. É falta de vergonha.

6) Proposta concreta (sem conversa):

Decreto de Resiliência 72h

Uma medida simples, aplicável, mensurável:

- **Obrigatório:** todo o ponto crítico (telecom, socorro, água, saúde, comando) tem de aguentar 72h sem rede.
- **Auditoria trimestral:** teste real, registo público, falhas corrigidas com prazo.
- **Penalizações sérias:** se falha, paga — e paga a doer (para aprender).
- **Transparência:** lista pública dos pontos críticos com estado de conformidade.

É isto. Não é “utopia”. É uma régua mínima de civilização.

7) O cálculo que envergonha o país

Façamos contas simples — aquelas que nenhum ministério gosta de mostrar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Gerador diesel 4 kW: **659 €**
- Quadro, UPS, instalação e segurança: $\approx 1.000 \text{ €}$

Total aproximado: 4.000 € por ponto crítico.

Quatro mil euros. Menos do que um “projecto” decorativo. Menos do que uma consultoria de rotina. Menos do que a espuma burocrática que o Estado produz para justificar o injustificável.

Com 4.000 euros garante-se que um quartel não fica às escuras. Garante-se que uma antena não morre. Garante-se que o socorro não fica mudo.

Mas Portugal prefere gastar milhões a explicar por que razão não gastou quatro mil.

8) O problema não é técnico — é cultural

Portugal não falha porque não sabe. Falha porque não assume.

Um sistema resiliente exige inventário real, auditoria, testes, e **nomes próprios associados a falhas**. E isto é exactamente o que a cultura política portuguesa evita.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

emergência do país.

9) Um Estado que falha não cai — apodrece

Um Estado não colapsa num dia. Vai apodrecendo lentamente, falha após falha, relatório após relatório, promessa após promessa.

O vento não derruba um país sólido. Apenas abana aquilo que já estava oco.

Epílogo: o vento não é o inimigo — é o espelho

A tempestade não criou a fragilidade. Apenas a mostrou.

E quando um país prefere continuar a cair ao primeiro vento, apesar de a solução custar menos do que um punhado de projectos decorativos, então já não é falha técnica.

É escolha política. E é uma escolha indecente.

Francisco Gonçalves

Fragmentos do Caos — Contra o Teatro da Mediocridade

Co-autoria Editorial: Augustus Veritas

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.